

O USO DE ILUMINURAS COMO UM INSTRUMENTO DIDÁTICO: UM ESTUDO DE CASO EM TERRAS CARIOCAS

THE UTILIZATION OF ILLUMINATIONS AS A DIDACTIC INSTRUMENT: A CASE STUDY IN CARIOCA LANDS

Marta de Carvalho Silveira³⁹

Artigo recebido em 23 de março de 2023

Artigo aceito em 12 de junho de 2023

Resumo: O diálogo entre a História Medieval universitária e a História Medieval escolar se faz cada vez mais necessário e tem sido intensificado nos últimos anos. Contudo, ainda há muito o que caminhar no sentido de levar para o ambiente escolar uma História Medieval geograficamente abrangente, diversificada, não eurocêntrica e que ofereça subsídios para o entendimento da sociedade contemporânea. O trabalho que aqui se apresenta faz parte desse esforço e traz o registro de uma oficina realizada com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental de uma escola pública carioca, onde utilizou-se a iluminura *De Sphaera*, produzida pelo artista italiano Cristoforo de Predis, entre os anos 1450-1460, enfatizando a temática das formas de trabalho artesanal.

Palavras-chaves: Iluminuras. Idade Média. Ensino de História

Abstract: The dialogue between university's Medieval History and school's Medieval History is increasingly necessary and has been intensified in recent years. However, there is still a long way to go in order to bring to the school environment a Medieval History that is geographically comprehensive, diverse, non-Eurocentric and that offers support for understanding contemporary society. The work presented here is part of this effort and records a workshop held with students in the seventh year of elementary school at a public school in Rio de Janeiro, where the Illuminated manuscript *De Sphaera*, produced by the Italian artist Cristoforo de Predis, between the years 1450-1460, was used emphasizing the theme of artisanal work.

Keywords: Illuminated manuscript. Middle Ages. Teaching History.

Introdução

O uso de fontes históricas em sala de aula é um dos elementos didáticos propostos na BNCC com o objetivo de garantir aos alunos tanto o desenvolvimento da sua habilidade de leitura textual, mas também imagética. O processo de leitura de imagens diferencia-se daquele que envolve a leitura alfabética, exigindo do indivíduo o acesso a uma série de referências simbólicas que foram por ele acumuladas ao longo das suas vivências.

Entendendo que os alunos atualmente são expostos a uma série de símbolos e imagens acerca da Idade Média advindas, sobretudo, das produções audiovisuais disponibilizadas largamente através de jogos, séries, filmes, memes

³⁹ Doutora em História Social pela UFF. Professora de História Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: marta.silveira.uerj@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3757-7853>

e vídeos presentes em diversos meios digitais, consideramos que este arcabouço simbólico, apesar de difuso e pouco organizado, pode ser utilizado como uma base para a construção, com o alunado, de uma visão mais aprofundada e menos estereotipada acerca do período medieval.

O uso de iluminuras em sala de aula pode, então, permitir aos discentes ter contato com a estética artística medieval e ao mesmo tempo, nela reconhecer representações acerca de elementos da vida cotidiana e das relações sociais no medievo. Aceitando o desafio de testar este pressuposto na prática, trazemos aqui o resultado de uma oficina realizada com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental em uma escola pública carioca, no ano de 2022. Contudo, antes de apresentarmos propriamente os resultados alcançados nesta oficina, refletiremos mais detidamente sobre o uso das iluminuras em sala de aula, apresentaremos e contextualizaremos a iluminura utilizada na oficina e apresentaremos as reflexões dos alunos sobre a mesma.

Esta oficina foi aplicada no âmbito da execução do projeto *O ensino de Idade Média e as novas abordagens pedagógicas à luz da BNCC*, que desenvolve sob o apoio financeiro da FAPERJ, na modalidade APQ1.

O uso de fontes históricas em sala de aula: as iluminuras

A versão final da BNCC para o Ensino Fundamental foi posta em vigor, em 14 de dezembro de 2018, com o intuito de promover um currículo mínimo a ser implantado em todo o território brasileiro, por instâncias públicas e particulares de ensino. Ela considera que o passado a ser ensinado na escola é aquele que permite o entendimento das questões contemporâneas. Contudo, para que este passado seja devidamente compreendido, faz-se necessário “o conhecimento de referências teóricas capazes de trazer inteligibilidade aos objetos históricos selecionados.” (BRASIL, 2018, p. 397). Sendo tais objetos alcançados a partir do estudo da “forma como os indivíduos construíram, com diferentes linguagens, suas narrações sobre o mundo em que viveram e vivem, suas instituições e organizações sociais.” (BRASIL, 2018, p. 397). Para tanto, é preciso que esse passado seja evocado através dos documentos que dependem dos historiadores para fazê-los falar e para trazer à tona a voz dos diversos

sujeitos históricos, inclusive aqueles que são entendidos como o “outro”. De acordo com a Base:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escrito, iconográfico, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório de memória voltado para a produção de um saber próprio da história. (BRASIL, 2018, p.398)

O uso de fontes históricas pode, portanto, permitir ao alunado ter contato com elementos materiais e imateriais do passado, que favoreçam a compreensão das diversas formas de manifestações e de produções humanas ao longo do tempo histórico. Além disso, favorece a que os alunos tenham acesso a diversos tipos de linguagens, entendam que elas possuem uma história, e que podem ser apropriadas e reapropriadas em tempos posteriores à sua produção.

Peter Burke (1992) nomeou “revolução documental” ao processo desencadeado pela ampliação da noção de fonte histórica promovido pela Escola dos Annales, iniciado a partir da sua fundação, em 1929. O reconhecimento de que qualquer vestígio deixado pelo homem sobre o planeta pode ser entendido como fonte para o estudo mais ampliado e diversificado da História, abriu a possibilidade de se ampliar a análise de diversas temáticas históricas, além de favorecer um considerável impulso teórico e metodológico à pesquisa histórica.

Isto fez com que as iluminuras, legadas pela tradição historicista a um papel secundário meramente ilustrativo e não consideradas como fontes históricas passíveis de serem reconhecidas e estudadas, se tornassem uma das principais fontes de estudos relativos às temáticas medievais.

As iluminuras são representantes da arte medieval. Partes integrantes de boa parte dos manuscritos produzidos no período, começaram a se desenvolver no *scriptorium* dos mosteiros ocidentais, onde os manuscritos eram copiados e iluminados sob encomenda para aristocratas eclesiásticos e laicos, reis e imperadores.

De acordo com Joachim Gaehde (2002), o renascimento carolíngio representou um marco na medida em que Carlos Magno e seus descendentes, ao buscar retomar a tradição romana tanto no âmbito político quanto cultural, patrocinaram a ampliação dos lugares de produção dos manuscritos para além dos principais monastérios, como Tours, Reims e Saint-Amand. Os carolíngios investiram na produção realizada em seu próprio scriptorium, marcada pela alta qualidade dos materiais utilizados. Como concluiu Gaehde,

Os mais belos pergaminhos, o ouro e a prata foram postos a serviço das palavras que prometiam um maravilhoso reino futuro, como disse Dagulfo, um escriba do scriptorium de Carlos Magno. (GAEHDE, 2002, p. 157).

A prática de mecenato dos carolíngios gerou uma intensa produção onde é possível, por vezes, a identificação daquele que doou os recursos para a realização da cópia, do recipiendário a quem o manuscrito se destinava e o nome do copista. Contudo, os pintores raramente eram identificados, o que demonstra o entendimento, expresso por Jean-Claude Schmitt (2007), que havia uma espécie de hierarquia entre textos e imagens, cabendo ao material escrito, o protagonismo.

Para Schmitt, a primazia do texto sobre a imagem no Ocidente medieval se explica pelo fato de que a escrita é fruto de um exercício da *rationes* e da *auctoritates*, configurando-se como um exercício de uma função superior da alma. Ao passo que as imagens derivavam da *imaginatio*, “restrita a uma posição intermediária entre o espírito e os sentidos corporais.” (SCHMITT, 2007, p. 92).

As iluminuras, cuja função formal era ilustrar os textos, possuíam, mesmo que não fossem reconhecidas, em importância por seus visualizadores, mensagens e representações próprias, que são hoje analisadas pelos historiadores.

Ao tratar do lugar que as imagens ocuparam no Ocidente medieval, Jean-Claude Schmitt (2006, p. 593) observa que o termo latino *imago* se ajusta mais adequadamente a este contexto, por abarcar não somente os objetos figurados, mas também as “imagens da linguagem”, com as suas metáforas e alegorias, e as “imagens mentais” manifestas na memória, nas visões e nos sonhos.

É, então, sob esta noção de *imago* que as iluminuras podem ser entendidas, pois assim como as demais manifestações literárias e mentais, representam uma seleção de símbolos que alcançam sentido ou reforçam mensagens que o artista pretende preservar e propagar. Levando-se em consideração que o local de produção das iluminuras eram os *scriptoriums*, elas eram formuladas com base no universo simbólico cristão. Como afirma Schmitt:

Pode-se, portanto, com justiça, ver na cultura medieval uma “cultura das imagens” que apresenta características originais, já que o cristianismo deixou sua marca no repertório iconográfico, na teoria e na finalidade das imagens. (SCHMITT, 2006, p. 593).

A revolução documental que transformou significativamente a pesquisa histórica também precisa ecoar no ensino da História em sala de aula. Assim como os pesquisadores, os professores têm juntado esforços no sentido de transformar as fontes documentais em recursos didáticos. É neste sentido que caminha este trabalho, como uma das possibilidades de utilização de uma fonte imagética específica para o ensino de aspectos relativos às formas de trabalho artesanais na Idade Média.

A iluminura e a proposta didática

De acordo com Celso Antunes, compreender o funcionamento da inteligência humana e desvendar os meios através dos quais elas podem ser exploradas para produzir uma aprendizagem significativa é essencial para o sucesso docente. Antunes parte do pressuposto, defendido por Gardner, de que a inteligência humana não é homogênea, mas sim múltipla (ANTUNES, 2001, p. 23) e passível de ser desenvolvida em qualquer ser humano a partir do estímulo necessário para o alcance de habilidades determinadas. Logo, os seres humanos, que trazem dentro de si múltiplas inteligências em menor ou maior grau para o desenvolvimento de determinadas habilidades, deveriam ser expostos, no ambiente escolar, à estímulos de naturezas diversas.

É por isso que, tanto a BNCC quanto as Orientações Curriculares da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro⁴⁰ estabelecem habilidades que versam

⁴⁰ As Orientações Curriculares são documentos redigidos pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com base nos elementos estabelecidos na BNCC, e que definem os eixos

sobre a forma como os objetos históricos devem ser trabalhados em sala de aula de maneira a contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos. De acordo com Antunes:

O homem que vai à escola no século XXI é, finalmente, visto de maneira diferente de como o percebiam cem anos antes. Trata-se de uma criatura holística, dotada de um poder criativo incomensuravelmente amplo, à espera de um professor que compreenda a plenitude de sua diversidade. Sabe-se hoje que, em indivíduos normais, as inteligências múltiplas atuam em conjunto e que qualquer tentativa de construir uma aprendizagem significativa envolve o desenvolvimento de várias delas. (ANTUNES, 2001, p. 10).

Na oficina que serviu como base para a elaboração deste trabalho, nos concentramos no desenvolvimento de duas das inteligências propostas por Antunes: a visual-espacial e a linguística ou verbal.

Ao trabalhar com iluminuras em sala de aula, adotamos dois caminhos complementares. O primeiro se circunscreve ao campo estético e artístico. Ao entrar em contato com uma iluminura, o aluno acessa uma forma artística sobre a qual não possui referências para além da sua citação em algum material visual ou audiovisual com o qual tenha contato em seu cotidiano, como por exemplo, filmes, séries, vídeos, desenhos animados etc.

Logo, o contato inicial com uma iluminura gera um estranhamento por parte do alunado. Daí a necessidade de situá-lo quanto à técnica e aos materiais utilizados na produção das iluminuras e no custo monetário e temporal que envolvia a sua produção. Em geral, os alunos participantes da oficina não só se surpreenderam quanto às técnicas utilizadas e ao trabalho minucioso desenvolvido, bem como em relação ao fato de a imagem em questão lhes lembrarem uma espécie de “história em quadrinhos”.

O segundo caminho, um desdobramento do primeiro, foi a exploração de uma temática em específico a ser observada na iluminura pelos alunos. A temática selecionada foi as formas de trabalho artesanal, justamente por ela mostrar-se muito evidente na iluminura onde os diversos personagens foram

temáticos, as habilidades e os objetos de conhecimento para cada área de conhecimento. Disponível para ser baixada em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/14188803/4355206/ApresentacaoPriorizacaoCurricularHistoriarevisado.pdf>

representados trabalhando em atividades artesanais específicas. Além disso, a discussão sobre as formas históricas de trabalho é um pressuposto estabelecido pela BNCC e pelas Orientações Curriculares e possui ampla relevância entre o público-alvo para o qual a atividade foi realizada.

A oficina foi realizada com alunos de uma escola pública, situada no bairro de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro. A escola em questão atende a um alunado bastante diversificado. Por estar em uma posição central no bairro, recebe alunos de origens socioeconômicas variadas, que oscilam entre aqueles que vivem nas diversas comunidades que se espalham pelo bairro, até os que podem ser situados no âmbito de uma classe média baixa ou média pelos índices do IBGE. Independentemente da sua origem socioeconômica diversa, estes alunos vivem em um contexto onde seus familiares buscam sustentar a sua família utilizando-se dos recursos profissionais que alcançaram em sua formação escolar, na maior parte das vezes precária.

Cientes das demandas do alunado, consideramos que discutir com eles historicamente a construção das diversas formas de trabalho e o lugar que o setor artesanal ocupou nesse processo de profissionalização é uma questão bastante relevante, na medida em que permite-lhes ter ciência das possibilidades de formação técnica e superior que podem alcançar na sociedade. De forma que se sintam estimulados tanto a reconhecer o valor de uma formação profissional para si, quanto para compreender a importância que o trabalho desenvolvido por seus familiares alcança no círculo familiar e no âmbito social.

O segundo motivo que nos levou a focar na análise das formas de trabalho artesanal foi o fato de que esta oficina foi executada no âmbito de uma disciplina intitulada Projeto de Vida. Esta disciplina foi criada e posta em vigor na SME-RJ em função da necessidade de adequação da implantação da BNCC. Sem um currículo previamente definido, os professores que no ano letivo são escolhidos para ministrá-la, dispõem de uma certa liberdade para propor oficinas com temáticas variadas.

No caso específico da oficina em questão, ela foi ministrada como parte de um projeto desenvolvido com os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental

que versava sobre as diversas formas de trabalho desenvolvidas pelas sociedades ao longo da história alcançando a contemporaneidade. O projeto foi concebido em cumprimento a uma habilidade específica proposta na BNCC:

(EF06HI16) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para a relação entre senhores e servos” (BRASIL, 2018, p. 421).

E nas Orientações Curriculares da SME-RJ:

Conhecer os grupos sociais formados na Idade Média, bem como suas culturas, formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes períodos. (RIO DE JANEIRO, 2022).

O foco da oficina foi fazer com que os alunos reconhecessem formas diversas de trabalho artesanais na Idade Média, refletir sobre a sua permanência no tempo presente e expressar de forma criativa, através de textos e de imagens, a maneira como eles consideravam que esses trabalhadores atuaram naquela sociedade, considerando as dificuldades e as vantagens que eles poderiam enfrentar e alcançar no exercício da sua profissão.

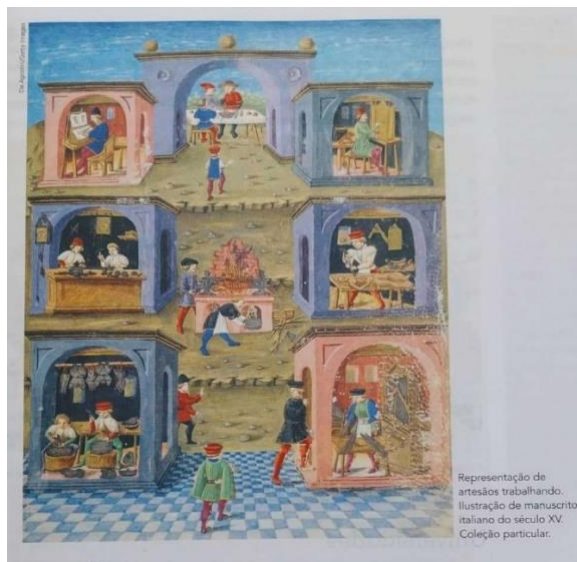
O trabalho com iluminuras é desafiador para os docentes, que precisam conhecer informações básicas quanto ao material utilizado, e para os alunos que deverão realizar uma série de operações cognitivas, que lhes permitam “ler a imagem”.

Diante disso, a seguir apresentamos algumas informações específicas e básicas acerca da iluminura utilizada na oficina.

A iluminura e as leituras discentes

A iluminura utilizada na oficina foi *De Sphaera*, Manuscrito Lat. 209 =a.x.2.14. Ela foi selecionada justamente por estar no livro didático utilizado pelos alunos *Historia.doc*, da autoria de Daniela Buono Calainho, Jorge Ferreira, Ronaldo Vainfas e Sheila de Castro Faria, publicado pela editora Saraiva.

Abaixo optei por apresentar a foto da iluminura tal como foi apresentada no livro didático, abrindo o subitem “Novas Cidades e burguesia”, que tratou da expansão da vida urbana na Idade Média e o nascimento da burguesia.



Fonte: CALAINHO, D. B., FERREIRA, J., VAINFAS, R. e FARIA, Sheila. *Historia.doc*. São Paulo: Saraiva, 2019.

Nota-se, na disposição da imagem no livro que não há praticamente nenhuma informação acerca da iluminura, mencionando-se somente que ela faz parte de um manuscrito italiano, produzido no século XV, e que pertence a um colecionador particular. A iluminura, portanto, serviu aos editores da obra como uma espécie de ilustração que compõe o projeto gráfico do livro, e não, como deveria, para oferecer mais um elemento ao entendimento de um tema medieval específico.

Circe Bittencourt ao analisar o uso das imagens nos livros didáticos brasileiros, chamou a atenção para alguns elementos interessantes: a escassez de estudos, ainda hoje no Brasil, acerca deste tema, a tendência ao uso de imagens ligadas ao campo do político e o protagonismo dos historiadores franceses neste tipo de análise. Dentre eles cita textualmente Ernest Lavis, quando afirma que “As crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história.” (LAVISSE, apud BITTENCOURT, 2005, p. 75).

Apesar de reconhecer a importância que as imagens têm nos textos didáticos, principalmente no que se refere à possibilidade imersiva histórica que ela oferece aos alunos, Bittencourt, contudo, chama atenção para o fato de que uma das dimensões do livro didático é ser um “objeto fabricado”. Já que, a produção de um livro didático envolve, para além do envolvimento dos autores responsáveis pela produção contéudística textual, os profissionais que cuidam do

projeto gráfico editorial e que, por vezes, não sofrem nenhuma influência dos autores (BITTENCOURT, 2005). Isto, sem dúvida, compromete, por vezes, o entendimento do potencial didático que as próprias imagens possuem quando empregadas ao aparato textual.

Com base nessas reflexões, à princípio propusemos uma observação livre da iluminura, deixando que os alunos explorassem os seus aspectos estéticos: cores, personagens e suas disposições na imagem. Depois, apresentamos aos alunos alguns elementos sobre a autoria e a produção da iluminura, buscado oferecer a eles uma visão contextualizada do documento.

Sendo assim, os alunos ficaram sabendo que a imagem que viam em seu livro didático se referia a uma iluminura que se encontra preservada na Biblioteca Estense Universitaria. O artista responsável pela sua feitura foi Cristoforo de Predis, que a produziu, provavelmente, entre os anos 1450-1460, em Milão.

Informamos aos alunos também que o fato de autoria da iluminura ser conhecida e registrada historicamente, demonstra a importância de seu autor, que pertencia a uma família artistas que se dedicava a este ofício e era amplamente reconhecida por seu trabalho. Prova disto é o fato de eles terem hospedado Leonardo Da Vinci durante o período em que esteve em Milão.

Apesar dos poucos dados biográficos de Cristoforo, sabe-se que era surdo-mudo, e apesar da sua deficiência, foi reconhecido pelo seu talento e inteligência, produzindo, além do *De Sphaera*, provavelmente, mais três obras.

O fato de Cristoforo pertencer a uma família de artistas chamou a atenção dos alunos. Nessa altura da oficina, foi explicado a eles que os ofícios artesanais eram aprendidos nos círculos familiares, tornando-se hereditários, ou através do ato de alguém tornar-se aprendiz de um mestre de ofícios. Aproveitamos por explicar aos alunos o processo de funcionamento das corporações de ofícios, bem como a atuação dos jornaleiros, que apesar de com o tempo aprenderem a desempenhar o ofício, não poderiam alcançar o título de mestre de ofício, já que esse era delegado somente aos aprendizes após anos de formação.

Um outro ponto interessante observado pelos alunos foi o fato de Cristoforo ser surdo-mudo e de isto não o ter impedido de exercer um ofício e

ser reconhecido por ele. Os alunos refletiram, então, sobre a forma como a sociedade deve tornar-se mais inclusiva a fim de que, apesar das possíveis limitações que um ser humano possuía, estas não o impediram de, com o suporte necessário, encontrar o seu espaço na sociedade atual. Mas por outro lado, os alunos se surpreenderam com o fato de esta sociedade. Cabe destacar que a escola em questão desenvolve práticas inclusivas e possui alunos integrados com necessidades diversas. Os alunos também se surpreenderam com o fato de que a sociedade que estava no limiar da Idade Média para a Idade Moderna ser muito mais inclusiva do que eles esperavam, o que sem dúvida contribuiu para que os alunos questionassem alguns dos estereótipos atribuídos ao período medieval.

Após tratarmos da autoria da iluminura, partimos para a sua observação mais específica, e direcionada, quanto à forma como os personagens foram representados e que ações desempenhavam. Os alunos identificaram rapidamente que as pessoas eram representadas trabalhando em algum tipo de ofício e, em seus comentários, se remeteram às explicações já oferecidas acerca do funcionamento das corporações de ofícios, da formação da burguesia e da expansão urbana.

Aproveitamos essas reflexões para informar aos alunos os aspectos técnicos que envolviam a produção das iluminuras, mostrando-lhes os conhecimentos técnicos que Cristoforo de Predis e sua família possuíam para realizar o seu trabalho.

No caso específico da iluminura analisada, explicamos aos alunos que ela fazia parte de um conjunto de 15 iluminuras produzidas para ilustrar um manuscrito da obra *De Sphaera* (Tratado da Esfera), um tratado de cosmologia e astronomia da autoria do monge Johhanes de Sacrobosco (1195 – 1256). Este tratado foi utilizado como um texto introdutório aos estudos astronômicos em diversas universidades medievais e, no século XV, com a difusão das prensas móveis, foi o primeiro do seu tipo a ser impresso, continuando a ser considerado uma obra seminal para os estudos astronômicos.

No caso da versão iluminada feita por Cristoforo, ela foi encomendada por Francesco Sforza e Bianca Maria Visconti, duques de Milão. Em cada uma das 15

iluminuras produzidas pelo artista para a obra há a personificação de um determinado planeta, acompanhada dos símbolos dos signos astrológicos que o representam e das atividades humanas por ele dirigidas. No caso da iluminura em questão, ela representa as atividades artesanais que são abrigadas sob o signo de Marte. Esse dado foi bastante interessante de ser discutido com os alunos. Aproveitei para conversar com eles sobre a concepção que os homens medievais tinham acerca da relação entre o macrocosmo e o microcosmo, considerando que o primeiro, do qual faziam parte os astros, manifestavam a vontade divina e influenciavam o desenrolar da vida humana, inclusive das formas de trabalho.

Com isto pudemos discutir também sobre o sentido que o trabalho alcançava na sociedade medieval no discurso eclesiástico, onde era considerado como um mandamento divino estabelecido em função de a humanidade ter incorrido no pecado original. Sendo, portanto, através dos seus esforços manuais que o homem comum se redimiria dos seus pecados e garantiria não só a sua sobrevivência material, mas também contribuiria para a manutenção da ordem social necessária para que as bençãos divinas fossem asseguradas.

Além disso, conversamos com os alunos sobre o fato de que eram consideradas atividades laborais somente aquelas que envolviam um esforço manual, na qual se incluíam as atividades artesanais. Sendo estas divididas em categorias lícitas e ilícitas, de acordo com o fato de necessitarem, ou não, para a sua execução, de lidarem com tabus existentes na sociedade medieval, como identificou Jacques Le Goff (2013), o tabu da impureza ou da imundície e o tabu do dinheiro, por exemplo. Informando aos alunos, entretanto, que a noção de licitude ou ilicitude das atividades artesanais foram alteradas consideravelmente com o desenvolvimento das áreas urbanas e do comércio ocorridos no século XII, e da escolástica.

Cientes destas informações, partimos para o terceiro movimento da oficina que foi identificar as atividades artesanais desenvolvidas pelos personagens, que são:

Um ponto interessante notado pelos alunos nessa leitura foi o desconhecimento, na atualidade, de algumas das profissões existentes na iluminura, como é o caso dos ferreiros. Por outro lado, eles reconheceram profissões que permanecem ainda hoje e alguns dos alunos identificaram, dentre elas, as profissões dos seus pais.

Esse foi o gancho que eu precisava para discutir com eles, seguindo a natureza da disciplina Projeto de Vida, a permanência das atividades artesanais na sociedade contemporânea e as possíveis formas através das quais alguém pode alcançar esse tipo de saber que não é mais necessariamente transmitido pelos núcleos familiares, não sendo mais exclusivos destes, mas podendo ser adquirido em cursos técnicos oferecidos por instituições de ensino técnico e cursos livres.

Esta foi uma discussão bastante interessante até porque me permitiu caminhar um pouco mais no objetivo de um dos itens do projeto da disciplina que pretendia despertar os alunos para a necessidade de incluir em seu projeto de vida a aquisição de uma profissão que lhes permita alcançar um espaço diferenciado no mercado de trabalho, de forma a permitir-lhes ganhar o sustento material necessário também para o desenvolvimento e o alcance das suas metas pessoais.

Partimos, então, para a última fase da nossa oficina, que pretendeu permitir aos alunos um senso de imersão no mundo do trabalho artesanal medieval. Foi pedido aos alunos que escolhessem uma das profissões representadas na iluminura e criassem um texto e uma ilustração onde eles seriam um personagem que teria vivido naquele período, e desse informações sobre a forma como vivia e desempenhava a sua atividade.

O objetivo dessa oficina foi, para além dos objetivos históricos, propiciar aos alunos a possibilidade de aprimorar a sua capacidade de escrita, propondo-se, assim, um diálogo interdisciplinar com a disciplina de Língua Portuguesa. Dezesseis alunos estiveram envolvidos nesta oficina. Destaco, aqui, cinco dos textos produzidos na ocasião.

O tecelão

Meu nome é Osvaldo. Sou tecelão e trabalho para a realeza.
Faço tecidos desde os meus 15 anos.
Esse trabalho passou de geração em geração da minha família até mim.

Faço tecidos para sobreviver e sustentar a minha família.
O primeiro tecelão da minha família foi o meu avô que viveu lá pelo ano 1079.

Agora tenho que correr. Tenho que entregar um tecido vermelho para o rei. Foi um prazer contar um pouco da minha história para você! (Luanda)

Os ferreiros do rei

Oi, meu nome é Joel e sou um ferreiro.
Eu aprendi a minha profissão com o meu pai. Eu comecei ajudando o meu pai no trabalho.

Esse trabalho consiste em forjar espadas.
Um dia, o rei pediu para eu e o meu pai construirmos a melhor espada de todas. Ficamos uma semana seguida construindo a espada até que finalmente terminamos. A espada ficou tão perfeita que não tinha nada que ela não cortasse. O rei ficou muito contente com o nosso trabalho que até nomeou a gente ferreiros do rei! (João Guilherme)

A ourives

Meu nome é Susana e eu sou uma ourives.
Eu trabalho no castelo fazendo as joias da rainha. Ela é muito vaidosa, então ela prefere que as suas joias sejam o mais bem feitas possível, o que me gera alguns problemas já que ela também é muito indecisa. Ela muda de ideia quando a joia já está pronta e eu tenho que mudar tudo!

Fazer joias é um trabalho que requer muita delicadeza. Eu aprendi o meu trabalho com o meu pai, que faz as joias do rei.

Apesar de às vezes eu me estressar com a rainha, eu amo demais o meu trabalho e quero fazer isso para sempre. (Fernanda Miranda)

O chapeleiro

Olá, meu nome é Julio. Eu tenho 36 anos e trabalho fazendo chapéus.

Eu sou chapeleiro porque toda a minha família tem a mesma profissão.

Eu faço o meu produto na minha oficina, vendo na minha loja, mas também entrego na casa dos clientes, mas por esse serviço, eu cobro a mais.

O meu cliente mais importante é o rei. Bom...ele é um pouco exigente e difícil porque é muito detalhista, mas é assim que eu ganho mais dinheiro.

Agora eu tenho que ir, pois o dever me chama. Foi bom falar com você. (Joyce)

O alfaiate

Olá, meu nome é Thiago. Tenho 35 anos e trabalho como alfaiate. Já me perguntaram tantas vezes sobre o que é a minha profissão, que eu já vou logo te falando que eu faço roupas sob medida para homens.

Essa profissão, que me ensinou o meu falecido pai, que aprendeu com o meu avô, que assim como eu, trabalha para a família real. Meu pai me disse para ensinar a profissão para o meu filho e é isso o que eu vou fazer. (Olavo)

Observando os relatos é possível notar, primeiramente, que o elemento comum a todos é o fato de que os alunos compreenderam que o conhecimento necessário ao desempenho das profissões era adquirido através dos ascendentes, de forma hereditária, ou da prática do aprendizado. Como destacaram Luanda: "O primeiro tecelão da minha família foi o meu avô que viveu lá pelo ano 1079." e Olavo, "Essa profissão, que me ensinou o meu falecido pai, que aprendeu com o meu avô, que assim como eu, trabalha para a família real."

Outro elemento interessante expresso nos textos é o de que os alunos entenderam o que representava o desempenho da profissão escolhida e do lugar socioeconômico que ela ocupava na dinâmica produtiva medieval, tanto nas relações entre os grupos sociais quanto nas formas produtivas. João Guilherme, por exemplo, diz: Um dia, o rei pediu para eu e o meu pai construirmos a melhor espada de todas. Ficamos uma semana seguida construindo a espada até que finalmente terminamos." Já Joyce destacou as formas pelas quais ela comercializava o seu produto: "Eu faço o meu produto na minha oficina, vendo na minha loja, mas também entrego na casa dos clientes, mas por esse serviço, eu cobro a mais." Além disso, os alunos identificaram as habilidades necessárias para o desenvolvimento do seu trabalho, como a criatividade, destacada por Fernanda, "Fazer joias é um trabalho que requer muita delicadeza" e a tenacidade que são próprias das produções artesanais, como observou Olavo, "Ficamos uma

semana seguida construindo a espada até que finalmente terminamos. A espada ficou tão perfeita que não tinha nada que ela não cortasse.”

Conclusão

A oficina, nos parece, resultou para os alunos em um entendimento mais específico sobre aspectos históricos da atividade artesanal de forma lúdica, na medida em que os colocou em contato com uma nova forma artística, e criativa, ao instar os alunos a, através da produção de um texto ficcional, aplicar os conhecimentos históricos aprendidos. Já para o docente, propiciou a oportunidade de estreitar o diálogo, ainda não tão estreitos como deveriam, mas em constante progresso, entre a História Medieval ensinada nos cursos superiores e a Idade Média escolar. Continuamos no caminho para que esse diálogo se estreite e aos poucos consigamos reformular a noção de Idade Média ainda corrente na cultura escolar.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, C. *Trabalhando habilidade. Construindo idéias*. São Paulo: Scipione, 2001.
- BITTENCOURT, C. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BURKE, P. (org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CALAINHO, D. B., FERREIRA, J., VAINFAS, R. e FARIA, Sheila. *História.doc., Sétimo Ano*. São Paulo: Saraiva, 2019.
- GAEHDE, J. E. A iluminura carolíngia. In: DUBY, G. e LACLOTTE, M. (org.). *História Artística da Europa. A Idade Média*. Tomo 1. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.
- LE GOFF, J. *Para uma outra Idade Média. Tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SCHMITT, J-C. Imagens. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J-C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. vol.1. Bauru: EDUSC, 2006. SCHMITT, J-C. *O corpo das imagens. Ensaio sobre a cultura visual da Idade Média*. Bauru: EDUSC, 2007.